

EXPOSIÇÃO

VIAGEM IMÓVEL¹

ANITA COLLI

Curadoria: Marcelo Salles

"A ficção nos permite vivenciar a realidade e simultaneamente o que a realidade esconde"
Marcel Broodthaers²

Você está em sua casa, em sua sala. Há uma poltrona ou uma mesa que sempre esteve ali. Você se levanta e caminha para pegar algo em outra parte e então você bate o dedo mínimo do seu pé numa das pernas do móvel. O reconhecimento físico da realidade do objeto é algo inquestionável (e dolorido ...). Podemos chamar o que aconteceu de fenômeno, que na origem significa aquilo que surge ou aparece, porém aquele móvel é conhecido e você sabe exatamente o que ele é e suas características; ele é um objeto concreto. Tão concreto e conhecido que se torna invisível, pois o hábito, a rotina e a condição inanimada ou de pouca importância do objeto, qualquer objeto, contribuem para alterar nossa percepção da realidade.

...

Definir o "real" ou a "realidade" sempre foi uma tarefa muito complexa. E a arte, desde milhares de anos distante de nós, é uma maneira de possibilitar uma compreensão do real. Não para defini-lo, mas para demonstrar que o real são muitos.

Os trabalhos de Anita Colli são muitos e extremamente diversos. Improváveis. Dotados de uma ironia que estimula o pensamento. Como possibilitar ao público o acesso a toda a riqueza que possuem?

Por volta do século XVI, a época das grandes explorações, um grande número de objetos, artefatos, espécimes da flora e mesmo animais eram levados para a Europa. As coleções que foram se formando a partir das grandes viagens ganharam um nome: wunderkammer ou, como ficou mais conhecido, gabinete de curiosidades. Os wunderkammern "nasceram e se desenvolveram na ideia utópica de que o homem poderia reunir a sua volta, num lugar protetor e magicamente abstrato da realidade, uma amostragem do mundo ... sem uma ligação com seu meio"³. Ou seja: sem uma ligação com a realidade que condicionou seu surgimento, usava-se a ficção para desvendar o que era natural.

...

Para Anita Colli o ato de colecionar é parte do processo de trabalho. Suas escolhas não retiram os objetos do meio natural onde estavam; eles já estavam afastados do mundo utilitário. A artista os recupera de maneira individualizada, os associa, conecta e traz a eles uma dignidade insuspeita, pois agora não cumprem uma função determinada; na verdade não tem função alguma no mundo das competências e usos. A forma individual desses objetos é mais significativa do que os materiais de que são compostos: madeira, vidro, plástico, metal, cobre, isopor, parafina, tecidos. A ligação que a artista possui com estes objetos também é relevante: recipientes ligados às pesquisas bioquímicas ou biomédicas doados por amigos, utensílios domésticos, eletroeletrônicos quebrados, quinquilharias, materiais ordinários e muito diferentes entre si. Todos tem um liame forte que é a relação pessoal da artista com cada um deles. Pode até ser algo da ordem da memória ou do afeto, mas normalmente o componente principal é a ironia e a ludicidade que o olhar de Anita encontra ao se deparar com eles. E que depois ela nos reapresenta transfigurados. Estranha e ironicamente transfigurados.

...

Os objetos e assemblagens são as obras em maior número nesta exposição e o campo principal de ação. Mas há duas linhas de trabalhos que ainda não foram abordadas: textos e imagens.

Anita nomeia a maioria de seus trabalhos: na verdade os nomes são parte do trabalho, operando um tipo de reversibilidade entre texto (título) e imagem (trabalho). Recentemente a artista começou a elaborar frases curtas a partir das letras de uma palavra, aprofundando sua relação com texto. Estes trabalhos foram chamados "Disparates"⁴.

As imagens são construídas em dois grupos-conceitos: através da intervenção tridimensional com objetos sobre fotografias impressas existentes (expostas como assemblagens ou projetadas juntamente com declamações dos "Disparates" pela artista) e, no segundo caso, a construção de objetos ou cenários, praticamente poemas visuais, cujo produto final é uma fotografia, um registro. No primeiro caso a desconexão entre a imagem e objeto colado sobre ela é evidente, interditando a visualização total dessa imagem e criando outras formas de vê-la; o outro conjunto tem uma visualização plena e penso que são pensamentos fotografados. A unir os dois grupos, temos a estranheza que suplanta a ironia e um questionamento sobre a utilização das imagens enquanto linguagem da arte contemporânea.

...

A compreensão humana é muito dependente de regimes cíclicos. Sejam de ordem física (como o ciclo circadiano) ou mental (como teorias ou agenciamentos culturais), eles podem cair em desuso ou no esquecimento, apenas para retornar alterados pelo espírito do tempo.

Os gabinetes de curiosidades surgem do ato de colecionar, segundo determinados critérios, despertando a curiosidade e onde a "imaginação rivaliza com a paixão do saber, da invenção e da arte"⁵. Quando eles surgiram as viagens eram extremamente difíceis; a grande maioria dos humanos podia passar a vida toda num mesmo pedaço de terra, numa mesma cidade e essas coleções, muitas vezes com milhares de objetos, possibilitavam que se viajasse para lugares distantes sem arredarmos pé de onde havíamos nascido. Nos últimos cento e cinquenta anos os deslocamentos físicos foram ficando mais acessíveis e cada vez mais rápidos. Em algumas horas atravessamos um oceano ou se atravessa um continente. Paradoxalmente, a grande viagem humana continua a ser feita a partir de algo imóvel fisicamente: nosso pensamento. Dele deriva nossa compreensão e consciência de estarmos no mundo.

Marcelo Salles Julho 2025

1 retirado do livro *Les cabinets de curiosités ou le voyage immobile*, de Francis Adoue, v. 3, 1998. Citado in *O gabinete de Domenico Vandelli*, Dantes editora, 2008

2 Marcel Broodthaers (Bélgica, 1924-1976) era um artista ligado a pesquisas conceituais sobre procedimentos e objetos artísticos e não artísticos, bem como a questões arte-vida e suas implicações institucionais; na pesquisa para essa exposição individual de Anita Colli as conexões com Broodthaers foram estruturantes e feitas principalmente no catálogo 27ª Bienal de São Paulo / seminários, editora Cobogó, 2006. Também foram relevantes as conexões com Savvas Christodoulides (Chipre, 1961), participante da 30ª Bienal de São Paulo e o brasileiro Montez Magno (1934-2023), através do catálogo da exposição Algúria, com curadoria de Clarissa Diniz, ocorrida na Pinacoteca de São Paulo em 2023.

3 pg. 20, in *O gabinete de Domenico Vandelli*, Dantes editora, 2008

4 Francisco Goya tinha uma série de gravuras homônima; apesar do uso da ironia por ambos, não há outra ligação de ordem conceitual entre eles.

5 pg. 19, in *O gabinete de Domenico Vandelli*, Dantes editora, 2008